

LISBOA, COLINA DE SANT'A
MONGES, MONÁRQUI
REPUBLICANOS, 500
A TRATA
SAÚDE DO

LISBOA, COLINA DE SANT'ANA:
MONGES, MONÁRQUICOS E
REPUBLICANOS, 500 ANOS
A TRATAR DA
SAÚDE DO POVO

CÉLIA PILÃO

CENTRO HOSPITALAR DE LISBOA CENTRAL, PORTUGAL

SANDRA TACÃO

CENTRO HOSPITALAR DE LISBOA CENTRAL, PORTUGAL

LISBOA, COLINA DE SANT'ANA: MONGES, MONÁRQUICOS E REPUBLICANOS, 500 ANOS A TRATAR DA SAÚDE DO POVO

Resumo

Os antigos hospitais de Lisboa, situados na Colina de Sant'Ana, são detentores de um importante património cultural, artístico e científico. No presente artigo, apresenta-se uma nota histórica de cada instituição, revelam-se os meios de salvaguarda do património destes hospitais e conta-se um caso de património imaterial, de humanismo e de afecto, desta Colina. Como foi já anunciado o encerramento de todos estes hospitais, torna-se urgente a divulgação de tão importante património da cidade de Lisboa e de Portugal, pensando na sua preservação. A desactivação deste conjunto de hospitais constitui uma oportunidade rara para a cidade de Lisboa elaborar e implementar um plano integrado de renovação da colina mais central da cidade.

Palavras-Chave: Património hospitalar, património imaterial, colecções científicas

LISBOA, COLINA DE SANT'ANA: MONKS, MONARQUISTS AND REPUBLICANS, 500 YEARS TREATING PEOPLE'S HEALTH

Abstract

The ancient hospitals in Lisbon, situated on the hill of St. Anne, are the holders of an important cultural, artistic and scientific heritage. In this paper, we present a historical note for each institution, we reveal the means for safeguarding the heritage of these hospitals and we tell the story of an intangible heritage of humanity and affection. As the announcement of the closure of all these hospitals as already been made, it becomes urgent to disclose such important heritage of the city of Lisbon and of Portugal, thinking on its preservation. Disabling this set of hospitals represents a rare opportunity for the city of Lisbon to develop and implement an integrated plan for the renovation of its most central hill.

Keywords: Hospital heritage, immaterial heritage, scientific collections

LISBOA, COLINA DE SANT'ANA: MONGES, MONÁRQUICOS Y REPUBLICANOS, 500 AÑOS A TRATAR DE LA SAÚDE DEL PUEBLO

Resumen

Los antiguos hospitales de Lisboa, situados en la Colina de Sant'Ana, son detentores de un importante patrimonio cultural, artístico y científico. En el presente artículo, presentase una nota histórica de cada institución, revelan se los medios de salvaguarda del patrimonio de estos hospitales y cuenta-se un caso de patrimonio inmaterial, de humanismo y de afecto, de esta Colina. Como fue ya anunciado lo encerramiento de todos estos hospitales, tornase urgente la divulgación de tan importante patrimonio de la ciudad de Lisboa e de Portugal, pensando en su preservación. La desactivación de este conjunto de hospitales constituí una oportunidad rara para la ciudad de Lisboa elaborar e implementar un plano integrado de renovación de la colina mas central de la ciudad.

Palabras-clave: Patrimonio de hospitales, patrimonio inmaterial, colecciones científicas

Endereço da primeira autora para correspondência: Hospital de Santa Marta, Rua de S. Marta 1169-024, Lisboa, Portugal. E-mail: celia.pilao@chlc.min-saude.pt

INTRODUÇÃO

As marcas da assistência a doentes na Colina de Sant'Ana, em Lisboa, perdem-se nos tempos. No início da nacionalidade portuguesa já a gafaria de S. Lázaro trata leprosos em condições adequadas à época, mas fora das muralhas da cidade, como convinha.

Em 1492, o rei D. João II lança a primeira pedra do mítico Hospital Real de Todos-os-Santos, bem no centro da cidade de Lisboa, em época de descobrimentos.

Entretanto, no morro de Sant'Ana, começam a instalar-se os monges: franciscanos nos Conventos de Sant'Ana, de Santa Marta e de Santo António dos Capuchos; jesuítas no Colégio de S. Antão-o-Novo e na casa professa de Arroios; frades bernardos no Convento de Nossa Senhora do Desterro; Congregação do Oratório, da Ordem de S. Vicente de Paula na quinta de Rilhafoles.

O monte de Sant'Ana ornamenta-se com conventos, hortas, muita caridade e grandes peregrinações.

O grande terramoto de Lisboa, em 1755, causa uma viragem neste panorama. O Hospital Real sofre elevados danos e as casas religiosas do monte de Sant'Ana ficam muito destruídas.

Em 1759, a Companhia de Jesus é expulsa de Portugal, o edifício do colégio jesuíta de Santo Antão-o-Novo passa para a Coroa e é doado pelo rei D. José, em 1769, ao Hospital Real de Todos-os-Santos para ser adaptado a hospital. Executadas as obras necessárias, o grande colégio jesuíta transforma-se no Hospital Real e Nacional de S. José,

que começa a funcionar em 1775.

Em 1834, com a extinção das ordens religiosas em Portugal, os conventos do monte de Sant'Ana ficam devolutos e vão sendo adaptados a unidades hospitalares que ficam na dependência do Hospital de S. José.

De 1900 a 1910, o professor Curry Cabral exerce o cargo de Enfermeiro-Mor do Hospital Real de S. José e Anexos e leva a cabo uma grande reforma do sistema hospitalar de Lisboa, dotando os hospitais existentes de meios complementares de diagnóstico e terapêutica e melhorando significativamente as suas precárias condições hoteleiras e de higiene. Para além disso concebe e acompanha a construção do primeiro hospital de doenças infecto-contagiosas de Portugal e adapta o Convento de S. Marta a um moderno hospital de doenças venéreas, com cerca de 500 camas, para substituir o deficiente Hospital do Desterro.

Em 1910, com a implantação da República, o conjunto de unidades hospitalares designado por Hospital Real de S. José e Anexos transfere-se da esfera real para a esfera civil com o nome de Hospitais Cíveis de Lisboa (HCL). Os HCL, imbuídos de séculos de assistência e enriquecidos com os ideais republicanos, tornaram-se numa instituição muito respeitada da cidade de Lisboa e do país.

Desde finais do século XV até 1953, ano da abertura do Hospital de S. Maria, a assistência hospitalar em Lisboa foi prestada pelos hospitais da Colina de Sant'Ana. As estruturas conven-

tuais, embora com sistemáticas adaptações às necessidades hospitalares, resistiram ao tempo e conseguiram transformar-se em hospitais altamente diferenciados.

Chegados ao século XXI, perspectiva-se uma nova fase para estas instituições. Segundo os modernos parâmetros da saúde, estes hospitais estão velhos e incapazes de responder às exigências das novas tecnologias. Se assim for, resta desejar que um novo hospital herde o espírito de solidariedade conventual e os ideais republicanos que tanto humanizaram estes velhos hospitais da cidade de Lisboa.

Sob o ponto de vista cultural, Lisboa fica com um património artístico e científico de valor incalculável na colina mais central da cidade. Estudar e implementar um plano integrado da Colina de Sant'Ana, com grande criatividade será, certamente, um dos projectos mais estimulantes da capital de Portugal, neste momento.

OS ANTIGOS HOSPITAIS DE LISBOA: NOTA HISTÓRICA

A GAFARIA DE S. LÁZARO/ HOSPITAL DE S. LÁZARO

Tudo terá começado por volta do século XIII, numa quinta, com uma ermida de invocação de S. Lázaro, onde fora de portas a Ordem de Malta isolava os leprosos, única terapêutica da altura.

Esta instituição para gafos formava um conjunto harmonioso de construções: igreja, cruzeiro casas dos lázaros, logradouros para recreio dos doentes, enfer-

maria, casa dos preços do Matadouro de S. Lázaro, casas do provedor e famílias dos trabalhadores do Hospital, curral, lagar e terrenos agrícolas.

No princípio do século XVI, o Senado de Lisboa transforma a gafaria em hospital para recolher os muitos leprosos espalhados pela cidade.

Este hospital foi recebendo benesses e doações várias e em meados do século XVI possuía um vasto património, o que lhe permitiu, em 1575, vender aos padres da Companhia de Jesus uma área de terreno para a construção do Colégio de S. Antão-o-Novo que mais tarde viria a ser o Hospital de S. José.

Em 11 de novembro de 1844, o Hospital de S. Lázaro foi entregue à administração do Hospital de S. José, que aí mantém os leprosos até 1918. Nesta data os doentes foram transferidos para o primeiro hospital de doenças infectocontagiosas de Portugal, inaugurado em Lisboa em 1906, actualmente designado por Hospital de Curry Cabral. Na década de 1940, o tratamento destes doentes foi concentrado no Hospital-Colónia Rovisco Pais, situado na zona centro de Portugal, única instituição especializada no tratamento desta patologia, a nível nacional.

Em 1930, após obras de beneficiação, o Hospital de S. Lázaro recebeu a Maternidade Magalhães Coutinho, que aí permaneceu durante 40 anos. Hoje nada resta da antiga gafaria. Nos edifícios do Hospital de S. Lázaro está instalado o sector de ortopedia do Hospital de S. José.

O HOSPITAL REAL DE TODOS-OS-SANTOS (HRTS)

O imponente Hospital Real de Todos-os-Santos (Figura 1) faz-nos, hoje, esquecer a gafaria de S. Lázaro.

O rei D. João II sobe ao trono em 1481 já com a ideia da construção do “Hospital Grande”. O local escolhido foi o terreno da horta do Mosteiro S. Domingos, em pleno centro da cidade de Lisboa. Em 15 de maio de 1492, numa cerimónia no Rossio, D. João II lança a primeira pedra do HRTS. O arquitecto, não se sabe ao certo, seria Diogo Boytac, o arquitecto do Mosteiro dos Jerónimos.

O Hospital Real vai tornar-se um edifício icónico na baixa lisboeta e um hospital modelo. Damião de Góis, em meados do século XVI, considera o HRTS, um dos sete monumentos principais de Lisboa.

Com um percurso de vida muito irregular, o HRTS mantém-se ao serviço dos doentes durante 273 anos.

Os vários incêndios, o terramoto de 1755, a insalubridade do local e possivelmente o plano de reconstrução da baixa pombalina terão levado o HRTS

a subir o monte de Sant’Ana.

Passados mais de 500 anos, ainda se pretende construir na zona oriental de Lisboa o novo Hospital de Todos-os-Santos.

O HOSPITAL DE S. JOSÉ

Por Carta Régia de 26 de setembro de 1769, o Colégio Jesuíta de Santo Antão-o-Novo é doado por D. José ao Hospital Real de Todos-os-Santos. Após obras de adaptação, do arquitecto Manuel Caetano de Sousa (1742-1802), o Colégio recebe o nome de Hospital Real de S. José (Figura 2) em homenagem ao monarca e nos primeiros dias de abril de 1775 “os nobres da corte, os religiosos dos conventos, os irmãos das confrarias e da Misericórdia, faziam transportar para o novo hospital, em macas, esquifes, cadeirinhas e algumas berlindas e seges, os doentes do velho hospital. Nascera assim o Hospital de S. José” (Leone 1980: 5).

Um hospital modelo transfere um saber, experiência e memória centenários para uma outra instituição já igualmente centenária: o Colégio de

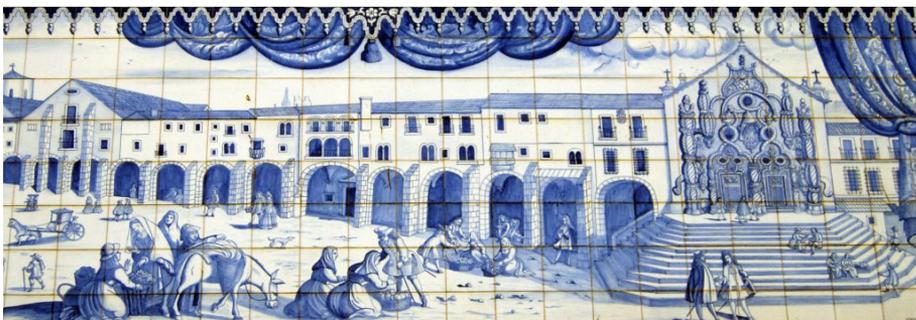


Figura 1 – Painel de azulejos representando o Hospital Real de Todos-os-Santos. Foto: Sandra Tacão



Figura 2 – Pórtico da entrada do Hospital de São José. Foto: Luís Martins

Santo Antão-o-Novo. Este Colégio foi inaugurado em 1593 e acabado de construir em 1652. O projecto inicial, de Baltazar Álvares (c.1578-1624), foi alterado e corrigido por Filipe Terzi (1520-1597).

O edifício principal foi objecto de grandes melhoramentos no reinado de D. João V (1689-1750) por influência do padre João Carbone (1694-1750). São desse tempo os magníficos revestimentos azulejares do Colégio.

Da antiga Igreja do Colégio, parcialmente destruída pelo terramoto de 1755, restou praticamente incólume a sua sacristia, obra do arquitecto João Antunes (1645-1712). Pela sua grande qualidade foi classificada como monumento nacional em 1933.

Mas para além do grande valor arquitectónico e artístico deste Colégio há que destacar o papel que esta instituição prestou ao ensino em Portugal, durante mais de 160 anos. A sua “Aula da Esfera” constituiu, entre finais do século XVI e meados do século XVIII, um grande centro europeu do ensino das ciências, particularmente no domínio da matemática, da astronomia, da balística, da óptica e da geografia. Estas disciplinas estão admiravelmente ilustradas nos painéis de azulejos que revestem o espaço desta Aula, hoje Salão Nobre do Centro Hospitalar de Lisboa Central. Henrique Leitão considera a “Aula da Esfera” do Colégio de S. Antão-o-Novo “a mais importante instituição de ensino e de prática científica em Portugal” (Leitão 2008:19).

O Hospital de S. José, na área artística e científica, terá sempre três longas histórias para contar: a do Hospital Real de Todos-os-Santos com 273 anos, de que é o único herdeiro, a do Colégio de Santo Antão-o-Novo, com 166 anos e a sua própria história como instituição hospitalar, com início em 1775. Contas feitas são 675 anos de vida ao serviço de todos ou de muitos. O Hospital de S. José é uma instituição incontornável da cidade de Lisboa. Foi a porta sempre aberta na cidade velha com o lema: primeiro recebe-se e trata-se o doente e só depois se lhe pergunta quem é.

O HOSPITAL MIGUEL BOMBARDA

Já no Hospital Real de Todos-os-Santos se procedia ao tratamento dos doentes psiquiátricos, em espaços designados “casas para doidos”.

Com a passagem dos serviços do HRTS para o Hospital de S. José, transferiram-se também os doentes psiquiátricos. Porém, na década de 1840, os doentes psiquiátricos internados no Hospital de S. José deambulavam numa espécie de grande jaula construída no Pátio do Relógio. O Marechal Saldanha (1790-1876) em visita ao hospital, impressionado com esta situação, promete o edifício de Rilhafoles para nele se fazer um hospital só para alienados. Este edifício tinha sido fundado em 1717, como Convento da Congregação do Oratório, da Ordem de S. Vicente de Paula.

Em 1848 os doentes serão transferidos para o Manicómio de Rilhafoles, o primeiro hospital psiquiátrico portu-

guês. Em 1851, este hospital será entregue à Administração do Hospital de S. José. Entre 1892 e 1910, Miguel Bombarda, psiquiatra e grande figura da 1ª República portuguesa, implementa uma profunda reforma do hospital. Manda construir o Pavilhão de Segurança, programado como uma enfermaria-prisão para internamento de doentes condenados por crime. É um dos poucos edifícios panópticos do mundo, por isso muito relevante na arquitectura portuguesa.

Outro edifício de grande interesse é o Balneário D. Maria II, inaugurado em 1853 e considerado, na altura, um dos melhores da Europa.

Em 1873, um guia espanhol para viajantes classificava assim este balneário: “Es sin disputa el mejor establecimiento de baños de la capital, en atención á la diversidad de baños que proporciona. Los hay templados, frios, de vapor, emolientes, aromáticos, gelatinosos y sulfúreos; los precios varían de 200 á 600 réis” (J.T.H 1873:31).

Este hospital encerrou em 2012.

O HOSPITAL DO DESTERRO

Em novembro de 1857, o Hospital do Desterro, antigo Convento de Nossa Senhora do Desterro (1591) dos frades bernardos, passa também para a administração do Hospital de S. José. Anteriormente já fora Hospital da Marinha (1789-1806) e mais tarde de coléricos. Especializou-se no tratamento de doenças venéreas, especialmente no tratamento da sífilis, e

foi considerada a instituição fundadora da moderna dermatologia portuguesa. Nos anos 1950 foi inaugurado, neste hospital, o Museu da Dermatologia Portuguesa, dedicado ao dermatologista Luís de Sá Penella. Do espólio deste museu fazem parte documentos e objectos dos primórdios da Dermatologia Portuguesa, numerosos livros antigos de Dermatologia e Venereologia, lâminas histológicas da Colecção Sá Penella. Porém, de todo o acervo salienta-se a Colecção de figuras de cera representando patologia dermatológica dos doentes internados no Hospital do Desterro, nas décadas de 1930 e 1940 (Figura 3).

O hospital encerrou em 2007, mas a espólio do Museu foi transferido para o Hospital de Santo António dos Capuchos, pelo médico dermatologista José Carlos Rodrigues.

O HOSPITAL DONA ESTEFÂNIA

O Hospital D. Estefânia foi o primeiro edifício hospitalar construído em Lisboa, planeado especificamente para esse efeito. Foi fundado em 1860, pelo rei D. Pedro V e dedicado a sua esposa, a rainha D. Estefânia, que tinha oferecido o seu dote de casamento para que fosse construído um hospital para crianças pobres e enfermas.

O hospital foi criteriosamente programado e construído de acordo com as técnicas mais evoluídas da Europa, tendo sido projectado por Humbert, arquitecto da casa real inglesa.

Norberto de Araújo definia assim o



Figura 3 – Modelo ceroplástico do Museu da Dermatologia Portuguesa – Sá Penella. Foto: Rosa Reis

Hospital D. Estefânia: “É claro, desafogado, não cheira a éter. Tem qualquer coisa de infantil e de romântico” (Araújo 1938:59). Mantem-se até hoje um hospital de referência, a nível nacional, não só em pediatria mas também nas especialidades de ginecologia e obstetrícia, porque no século XX recebeu e melhorou os serviços da Maternidade Magalhães Coutinho.

Para além da sua vertente médica, o Hospital D. Estefânia constitui uma etapa importante no percurso dos peregrinos que de todo o mundo afluem a Fátima. Foi neste Hospital que Jacinta Marto (pastorinha de Fátima) foi internada e faleceu em 1920, vítima da terrível pneumónica.

O HOSPITAL DE ARROIOS

Antigo Colégio Conventual, mandado construir por D. Catarina de Bragança em 1705, destinava-se à preparação dos padres da Companhia de Jesus para as suas missões de evangelização no Oriente.

Em 16 de fevereiro de 1892, o Hospital de Arroios será integrado no Hospital de S. José. De 1898 a 1911 chamou-se Hospital Rainha D. Amélia e destinou-se a tratar doentes com tuberculose. Este hospital encerrou em 1992, foi vendido a particulares e encontra-se em elevado estado de degradação.

O seu património artístico era importante, em particular o seu acervo azulejar que em parte foi salvo, encontrando-se, actualmente, no Hospital de S. António dos Capuchos e no Museu Nacional do Azulejo.

O HOSPITAL DE CURRY CABRAL

Em 15 de janeiro de 1906 foi inaugurado o Hospital do Rego e entregue ao Hospital de S. José. Composto por vários pavilhões e um corpo central, obra de Curry Cabral, foi destinado a doenças infecto-contagiosas, lepra e tuberculose. Foi o primeiro grande hospital de doenças infecto-contagiosas construído em Portugal e considerado, à época, um dos melhores hospitais do seu tempo. Mais tarde foi convertido num hospital geral central, tendo sido pioneiro e considerado, ainda hoje, um grande centro de referência no domínio da transplantação renal e hepática e no tratamento da SIDA.

O HOSPITAL DE S. MARTA

Em 12 de outubro de 1903 o Governo entregou ao Hospital de S. José o antigo Convento de Santa Marta (1583) para nele ser construído um hospital destinado a doenças venéreas, pele e sífilis, patologias que até então eram tratadas, em más condições, no Hospital do Desterro.

O Enfermeiro-mor, Conselheiro Curry Cabral (1844-1920), promoveu as obras de adaptação e em 1908 foi inaugurado um magnífico hospital com 500 camas. Em 1911 irá funcionar como Hospital Escolar da Faculdade de Medicina de Lisboa e só em 1952 será reintegrado no grupo dos Hospitais Cívicos de Lisboa.

Este hospital, além do importante património azulejar, herdado do convento de clarissas, tem o seu nome ligado a grandes figuras da medicina portuguesa do século XX. Destacamos o Professor Egas Moniz, Prémio Nobel da Medicina em 1949, que exerceu toda a sua vida hospitalar nesta instituição e foi aqui que desenvolveu a experimentação que conduziu aos seus dois inventos, bem marcantes para o progresso da medicina mundial: a primeira angiografia cerebral, na tarde de 28 de junho de 1927 (Figura 4), e a leucotomia pré-frontal em 1936.

A descoberta da angiografia cerebral por Egas Moniz constituiu o ponto de partida para novas experimentações no Hospital de S. Marta, que deu origem à Escola Portuguesa de Angiografia. Entre 1927 e 1952, este hospital foi palco das seguintes descobertas: 1927 – An-



Figura 4 – Claustro do Hospital de Santa Marta. Foto: Luís Martins

giografia cerebral – Egas Moniz; 1929 – Arteriografia dos membros e aortografia – Reynaldo dos Santos; 1931- Angiopneumografia – Egas Moniz e Lopo de Carvalho; 1936 – Leucotomia pré-frontal – Egas Moniz; 1938 – Flebografia dos membros – Cid dos Santos; 1946 – Endartrectomia – Cid dos Santos; 1952 – Coronariografia – Eduardo Coelho. A partir daí o Hospital de S. Marta tornou-se, no panorama nacional, a grande escola de cirurgia cardio-vascular e ficou conhecido como o Hospital do Coração.

O HOSPITAL DE S. ANTÓNIO DOS CAPUCHOS

Em 1928, o grupo HCL recebeu o Hospital dos Capuchos (Figura 5) instalado no antigo Convento de Santo António dos Capuchos, que foi inaugurado em

1579, por autorização do Cardeal – Rei D. Henrique. Este Convento foi um centro de peregrinação de grande devoção popular na cidade devido às suas 11 capelinhas da Via-Sacra representando as cenas principais da Paixão de Cristo e a Escada Santa. Do património conventual restam a igreja, o claustro, uma imponente cisterna e um relógio de sol que é o mais antigo do género datado que se conhece em Portugal (1586).

Após a extinção das ordens religiosas em Portugal, em 1834, nas instalações do Convento foi fundado, em 1836, o Asilo da Mendicidade de Lisboa, por iniciativa de Mouzinho da Silveira, no reinado de D. Maria II. A administração do Asilo, tendo necessidade de ampliar a capacidade da instituição, adquiriu o Palácio Mello, edifício de grande riqueza azulejar que ainda hoje alberga, nos



Figura 5 – Fachada da Igreja do Hospital de Santo António dos Capuchos. Foto: Luís Martins

seus nobres salões, uma grande enfermaria de doentes de cirurgia geral. Já no século XX as instalações do Asilo foram adaptadas a serviços hospitalares.

A COLINA DE SANT'ANA, UMA COLINA DE AFECTOS: O HUMANISMO DE THOMAZ DE MELLO BREYNER

THOMAZ DE MELLO BREYNER – O HUMANISTA

Thomaz Maria António Francisco de Assis e de Borja de Mello Breyner nasceu em Lisboa em 2 de setembro de 1866, filho de D. Francisco de Mello Breyner, coronel e 3º Conde de Mafra e de D. Emilia Pecquet da Silva.

Nasceu muito fraquinho, sendo a sua primeira bebida uma xícara de chá muito aguado. Como era uso na época, às crianças débeis era-lhes recomendado muito de comer e pouca instrução. Mas contrapondo aos poucos estudos, a família permitia-lhe passar a maior parte do tempo com os filhos do rei D. Luiz, os príncipes D. Carlos e D. Afonso, que eram da sua idade. Mais tarde, a convivência com as famílias burguesas, nomeadamente a dos Ficalhos e a dos Daupias, integrou-o no meio mais intelectual da cidade. Teve oportunidade de privar com Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e outros grandes vultos desse tempo.

Em 1885, inscreveu-se no 1º ano dos estudos propedêuticos médicos da Escola Politécnica e em 1887 entrou para a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa que funcionava num edifício na cerca do Hospital de S. José. Em 1891 foi

nomeado interno do Hospital de S. José e aproveitou as férias para ir para Paris a convite de Brissaud e trabalhar com Charcot. Em 1892 licenciou-se em Medicina. Nesse ano e no seguinte regressou a Paris, onde trabalhou com Alfred Fournier no Hospital de S. Louis, com Eduard Brissaud no Hospital de Santo António e com Paul Berger. De regresso a Portugal foi nomeado médico da Real Câmara do Rei de Portugal (1/8/1883).

Em 1 de fevereiro de 1897, foi nomeado director da Consulta Externa de Moléstias Syphiliticas e Venéreas no Hospital do Desterro. Nesse mesmo ano foi ainda nomeado secretário do Professor Sousa Martins, delegado do governo português à Conferência Sanitária Internacional sobre a Peste Bubónica, que se realizou em Veneza. De tal modo se saiu bem dessa missão que o Governo, reconhecido, lhe concedeu o grau de Cavaleiro da Ordem de Santiago.

O Serviço de Dermatologia do Hospital do Desterro não apresentava grandes condições: as instalações limitavam-se a dois pequenos espaços à entrada do Hospital, o material era muito reduzido e o pessoal quase se resumia ao director. Mello Breyner empenhou-se e conseguiu que o fiscal do hospital, o senhor Lima e também alguns doentes com jeito para a enfermagem, o auxiliassem na observação e tratamento dos doentes que eram cada vez mais numerosos.

A Consulta Externa de Moléstias Syphiliticas e Venéreas teve tal prestígio que passou a ser procurada por médicos e

por alunos da Escola Médica (Oliveira Feijão, professor de Clínica Cirúrgica, aconselhava os seus alunos a frequentar esta consulta e Francisco Gentil, professor de Propedêutica Cirúrgica, chegou mesmo a pedir a D. Thomaz que fizesse uns cursos de Venereologia para os seus alunos). A todos Mello Breyner recebia com agrado.

Mas Mello Breyner não estava completamente satisfeito, uma vez que não podia acompanhar, em regime de internamento, os doentes que recebia na consulta externa. Este problema resolveu-se, em janeiro de 1906, quando foi nomeado director da Enfermaria de Santa Maria Madalena, reservada às prostitutas. Mas também as condições desta enfermaria eram muito precárias: não havia electricidade, nem aquecimento, as condições de higiene eram mínimas, chovia na enfermaria, não havia laboratórios no Hospital, nem medicamentos de primeira necessidade.

Perante esta situação, Mello Breyner não hesitou: para melhorar as instalações, recorreu ao amigo Ennes Trigo (que era vereador da Câmara Municipal de Lisboa); para comprar material de laboratório pediu ao Rei D. Carlos (que ofereceu um microscópio) e aos Laboratórios Pasteur que forneceram as estufas, os tubos de ensaio e as retortas; para comprar as banheiras, pediu a D. Aurora de Macedo que também ofereceu umas salamandras para o aquecimento; faltavam roupas para os doentes, pediam-se a Francisco Grandella, dono dos célebres Armazéns Grandella, em Lisboa; não havia medicamentos, solicitava-se à imprensa que

recolhesse dinheiro junto dos seus leitores. Foi, assim, à custa dos amigos e da caridade pública que Thomaz de Mello Breyner criou o Serviço de Venereologia do Hospital do Desterro.

Este Serviço, desenvolvido em poucos meses e desta forma extraordinária, foi visitado, em 1906, pelos mais ilustres dermatologistas e venereologistas que assistiam em Lisboa ao XV Congresso Internacional de Medicina (Mello Breyner integrava a Comissão Executiva e era secretário da Secção de Dermatologia) e que ficaram impressionados com o que viram. Neisser propôs, então, a criação de um Instituto Internacional para o Estudo da Sífilis com sede em Portugal e sob a direcção de Mello Breyner. Unna lamentou que a qualidade do material científico que existia no Serviço não fosse aproveitado para o ensino universitário. (Rodrigues 1988:63)

Mas só em 12 de janeiro de 1922 se inaugura, no Hospital do Desterro, o ensino oficial de Venereologia na Universidade de Lisboa. A cadeira do 4º ano era trimestral, mas os alunos apreciavam tanto as aulas e consideravam de tal forma o mestre que pediam sempre o prolongamento das mesmas. Durante alguns anos, Mello Breyner ensinou gratuitamente por considerar que a insignificância da remuneração era extremamente deprimente. Em 1924, D. Thomaz referia que tinha muito gosto em ensinar, mas que na Faculdade de Medicina de Lisboa o ensino da Venereologia era feito numa consulta montada quase toda ela com esmolas e por um professor que trabalhava de graça. Era um ensino por amor de Deus.

Em 1910, Mello Breyner foi dos primeiros médicos a experimentar uma nova droga, o 606 ou Salvarsan, considerada como miraculosa para o tratamento da sífilis, que tinha sido descoberta por Erlich em Janeiro desse ano. Erlich, em agosto seguinte, enviou algumas ampolas ao seu amigo Ayres Kopke que por sua vez as cedeu a Mello Breyner. Em 9 de novembro de 1910 foi feita a primeira aplicação a uma doente de nome Valéria, no Hospital do Desterro.

Mello Breyner, sempre muito dedicado à família real portuguesa, assumia-se como um monárquico convicto, o que não o impediu de privar com pessoas de outros quadrantes políticos, entre eles: Brancamp Freire, José Relvas, Brito Camacho e Guerra Junqueiro.

A fidelidade ao seu rei e simultaneamente a fidelidade aos seus amigos colocou-o algumas vezes em situações difíceis: João de Menezes, republicano e redactor do jornal “A Luta” vendo-se perseguido pela Polícia procurou “asilo” em casa de Thomaz de Mello Breyner. Foi bem recebido mas perante esta situação melindrosa, D. Thomaz pediu ajuda ao rei D. Carlos que o informou que ele próprio trataria do assunto. E assim foi: pela calada da noite, o rei enviou uma das suas carruagens para recolher João de Menezes, albergou-o no paço e ao início do dia enviou-o para o iate real Amélia donde o jornalista partiu, noutra barco, para o estrangeiro.

Outro exemplo refere-se ao seu fidelíssimo enfermeiro do Hospital do Desterro, António Roberto da Silva, o célebre Roberto, que tinha sido inicialmente seu doente e que era um carbonário convicto. Em 1911, na sequência da implantação

da 1ª República Portuguesa, Thomaz de Mello Breyner é demitido das suas funções no hospital e exila-se, alguns meses, por haver fortes indícios que a sua vida corria perigo. Quando regressou, no Verão desse mesmo ano, foi recebido na estação de comboios, por António Roberto da Silva, acompanhado de todos os funcionários do Hospital do Desterro. O enfermeiro Roberto diz, então, a Mello Breyner para não se esquecer de voltar, no dia seguinte, à sua consulta externa porque iria ser reaberta permitisse ou não a administração republicana do Hospital de S. José. No dia seguinte, uma multidão de doentes e funcionários aclamavam, no pátio do Hospital do Desterro, a chegada do seu médico. As portas foram arrombadas e a consulta iniciou-se. E assim continuou, embora de forma gratuita, porque tinha sido suspensa a remuneração ao monárquico Thomaz de Mello Breyner.

Os episódios de grande humanismo e preocupação de Thomaz de Mello Breyner pelas suas doentes (meretrizes) da Enfermaria de S. Maria Madalena estão carregados de afecto e sensibilidade.

Chegados a este momento, há necessidade de contextualizar a situação da prostituição em Portugal e da existência, no Hospital do Desterro, de uma enfermaria só para meretrizes ou toleradas.

Em Lisboa, desde meados do século XIX que a polícia matriculava obrigatoriamente as prostitutas clandestinas encontradas nas rusgas. Em 1865, o Regulamento Policial das Meretrizes da Cidade de Lisboa, no seu artigo 4º, estipulava: “As mulheres que se entregarem à prostituição clandestina serão intimadas para se inscreverem na

matrícula. Não o fazendo no prazo de vinte e quatro horas, serão conduzidas à polícia debaixo de prisão e matriculadas de ofício” (Schwalbach 2011: 90).

As prostitutas inscritas no registo policial, recebiam um número de matrícula, era-lhes emitida uma caderneta profissional e deviam ser acompanhadas clinicamente a fim de evitar o contágio venéreo dos seus clientes. Nas consultas médicas semanais a que eram obrigadas a comparecer, caso lhes fosse diagnosticada uma doença venérea em fase de contágio, eram imediatamente conduzidas pela polícia, ao Hospital do Desterro e internadas na enfermaria de S. Maria Madalena.

Sobre a nacionalidade das meretrizes matriculadas em 1928, só 4% eram estrangeiras (104 casos), com destaque para as francesas (63), seguindo-se algumas espanholas e brasileiras. Mais raras eram as polacas (2), italianas (2) e mesmo uma americana. Cerca de 70% das estrangeiras exerciam o seu ofício em Lisboa, sendo poucas as que se encontravam em outros pontos do país.

No espólio da enfermaria de S. Maria Madalena foram encontrados 28 romances escritos em francês que se supõe terem sido adquiridos por Thomaz de Mello Breyner para amenizar os longos períodos de internamento das meretrizes francesas, já que as portuguesas e espanholas eram quase todas analfabetas, nesta altura.

Mas sobre a generosidade de Thomaz de Mello Breyner relativa às suas doentes internadas, é insistentemente referido o episódio de ter comprado morangos em Aranjuez para oferecer a uma doente espanhola em

fase terminal que lhe tinha manifestado o desejo de não morrer sem comer por uma última vez os morangos da sua terra.

Em 24 de outubro de 1933 morreu na sua Quinta da Várzea aquele de quem Augusto de Castro escreveu: “A arte suprema da vida consiste em viver cada rápida hora da nossa existência como se fosse a última. Foram estes os segredos e a glória, semeando claridade e caridade, da vida exemplar desse peregrino homem de espírito que foi Tomás de Mello Breyner” (Rodrigues 1997: 215).

Em 27 de março de 1937, no claustro do Hospital do Desterro, foi inaugurado o monumento em memória do saudoso médico, Professor D. Thomaz de Mello Breyner, Conde de Mafra, mandado erigir por uma comissão de amigos e antigos colaboradores e modelado pelo escultor Diogo de Macedo (Figura 6).

A SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO CULTURAL DOS ANTIGOS HOSPITAIS DE LISBOA

Com a construção anunciada há já alguns anos de um novo hospital na zona oriental de Lisboa, que irá substituir as unidades de: S. Lázaro, S. José, Desterro, D. Estefânia, S. Marta, Capuchos, Curry Cabral e a Maternidade Alfredo da Costa, tornou-se urgente a salvaguarda de um património tão diversificado e tão vasto.

O Centro Hospitalar de Lisboa Central, Empresa Pública Empresarial, actual entidade gestora destes hospitais, considerou, na área do património cultural, a inventariação de todo este património como a primeira prioridade e estabeleceu

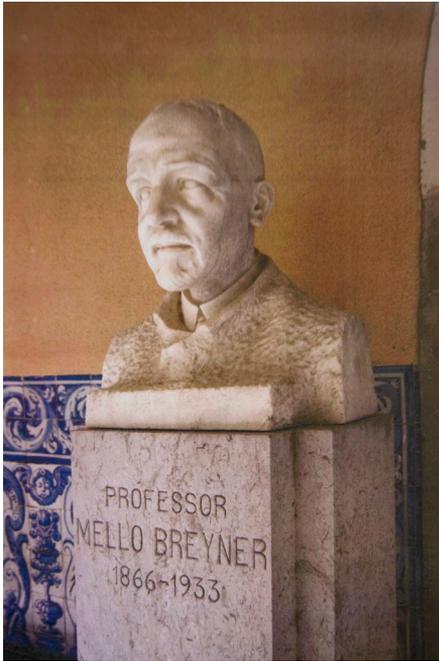


Figura 6 – Busto do Professor Thomaz de Mello Breyner. Foto: Sandra Tacão

parcerias com a Universidade de Lisboa (UL) através da celebração de protocolos de cooperação. Em janeiro de 2009, assinou um protocolo com o Museu de Ciência da Universidade de Lisboa para se iniciar a inventariação, o estudo, a salvaguarda e a valorização das coleções científicas.

Em dezembro de 2009 foi celebrado um outro com o Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras da UL sobre o património artístico, tendo como principal objectivo a inventariação do património de azulejaria existente nos hospitais, através dos investigadores do Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras da UL, pertencentes à “Rede Temática em Estudos de Azulejaria e Cerâmica João Miguel dos Santos Simões”.

O inventário da azulejaria dos hospitais de São José, Santa Marta e Santo António dos Capuchos foi efectuado ao longo de cerca de três anos. Os revestimentos azulejares dos três hospitais foram objecto de um minucioso processo de inventário.

Iniciou-se com o trabalho no local, através do levantamento fotográfico, medições, avaliação do estado de conservação, etc., continuando com a realização de descrições dos revestimentos e das secções, catalogação dos padrões ou identificação dos temas, objectos e figuras representadas.

Toda a informação foi sendo trabalhada e inserida no Sistema de Referência e Indexação de Azulejo – *Az Infinitum* (<http://redeazulejo.fl.ul.pt/pesquisa-az>). Este sistema permitiu disponibilizar o inventário dos revestimentos e a sua articulação com outras áreas – iconografia, padrões, autorias e referências bibliográficas. A inventariação efectuada permitiu, também, o aprofundamento dos conhecimentos sobre a azulejaria dos hospitais, tendo dado origem a comunicações e artigos publicados pelos investigadores da Rede Temática em Estudos de Azulejaria e Cerâmica João Miguel dos Santos Simões.

O protocolo prevê ainda que este tipo de estudo seja alargado a outras valências histórico-artísticas dos imóveis dos hospitais, desde a arquitectura aos equipamentos decorativos de talha, mobiliário, pintura, imaginária, têxteis e outros, incluindo os acervos deslocados ou destruídos. Considera também a criação de um Centro de Estudos da História dos Hospitais de Lisboa que reuniria as fontes bibliográficas e documentais das temáticas da História,

Arte, Cultura e Ciência hospitalares, que constitua uma estrutura de consulta livre e de apoio à investigação.

Está também a funcionar, desde 2010, uma parceria com a Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa para o estudo do património arquitectónico dos hospitais e a elaboração de bases para um Plano de Pormenor de Salvaguarda para a Colina de Sant'Ana, estudando de forma integrada, as possibilidades de conservação e reintegração deste património edificado na sua envolvente urbana próxima de bairro e numa estratégia de planeamento para o desenvolvimento sustentável.

Ainda no campo da colaboração com a Universidade de Lisboa, foi executado o projecto de investigação científica "A Ciência, a clínica e a arte da sífilis no Desterro (1897-1955)", apresentado à Fundação de Ciência e Tecnologia pelo Instituto de Ciências Sociais da UL.

Para além destes projectos, o património hospitalar tem vindo a ser revelado ao grande público, com a abertura da Colecção de Dermatologia, no Hospital de Santo António dos Capuchos, e em visitas guiadas por especialistas, nomeadamente, Vitor Veríssimo Serão, José Meco, Marta Lourenço e Henrique Leitão. Ainda na área da divulgação tem-se aderido sistematicamente às comemorações das Jornadas Europeias do Património e do Dia Internacional dos Monumentos e Sítios.

Em 2007 deu-se início aos Colóquios do Património Hospitalar com um encontro de periodicidade anual. Em colaboração com a Associação de Cul-

tura Lusófona e a Capelania do Hospital dos Capuchos realizam-se anualmente, no mês de Junho, as Jornadas Antonianas.

CONCLUSÃO

Se em Portugal, durante séculos, a vida da cultura, da educação e da ciência esteve intimamente ligada à vida do Cristianismo e à História da Igreja, os antigos hospitais da Colina de Sant'Ana tiveram o privilégio de ser os sucessores de instituições religiosas que, no conjunto, somam cerca de 1200 anos de vida.

Mas, durante mais de cinco séculos e no coração da "capital do império", estas instituições foram também actores da história social e política da cidade e do país: nos descobrimentos, na ocupação filipina, nas invasões francesas, no liberalismo, na 1ª República. Dessas intimidades existem vestígios, memórias e muito e diversificado património.

Para além do património conventual construído e classificado, há ainda um património científico que atravessa séculos: desde o Hospital Real de Todos-os-Santos, à Escola Régia de Cirurgia do Hospital de S. José, à Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, à Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, indo até ao Hospital Escolar de Santa Marta. As maiores figuras da medicina portuguesa e estrangeira com influência em Portugal, de finais do século XVI a meados do século XX, passam por estas instituições. Esta grande herança obriga-nos a não perder tempo para a inventariar, divulgar e defender. Para sermos dignos dela temos agora a oportunidade de reinventar uma colina

que já foi de conventos e de hospitais numa colina igualmente solidária, intergeracional e multicultural onde o nosso património continue a servir-nos a todos e se constitua como ponto de partida para recriar esta parte da cidade de Lisboa.

REFERÊNCIAS

Araújo, N. 1938. *Peregrinações em Lisboa*, livro IV. Lisboa: Parceria A.M. Pereira.

J.T.H, 1873. *Guia Prática del Viajero Español en Lisboa*. Lisboa: Librería española.

Leone, J. 1980. *Hospitais Cíveis de Lisboa. Exposição Comemorativa da Fundação do Hospital Real de Todos-os-Santos 1492-1980*, Lisboa: Comissão Organizadora do V Centenário da Fundação do Hospital Real de Todos-os-Santos.

Leitão, H. (ed.) 2008. *Sphaera Mundi: A Ciência na Aula da Esfera. Manuscritos científicos de Santo Antão nas Coleções da BNP*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

Rodrigues, J. C. 1988. *Thomaz de Mello Breyner (Uma outra perspectiva)*. Boletim Clínico dos HCL. 45 (1-2): 63-69.

Rodrigues, J.C. 1997. *Thomaz de Mello Breyner (1866-1933)*. Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Dermatologia e Venereologia 55 (3) 205-215.

Schwalbach, F. 2011. *O vício em lisboa antigo e moderno*. Lisboa: Edições Tinta-da-China.

Recebido em 30/01/2013.

Aprovado em 14/03/2013.